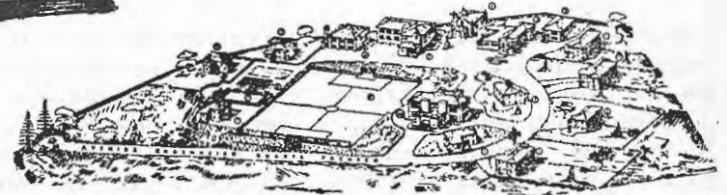




O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XV—N.º 377—Preço 1\$00
23 DE AGOSTO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato—Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato—Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA—Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do Correio para Paço de Sousa—Avença—Quinzenário

Facetas de uma Vida

As experiências de dois famosos viandantes

A família de César Roque, no meu entender, é o padrão da maneira de ser e da maneira de viver da gente detrás da serra: simplicidade, grandeza, generosidade. O Pai, homem forte, meão de anos e estatura, é uma destas almas grandes que conquistam nomeada, não tanto pelo que têm ou sabem, como pelo que são; fez as minhas delicias, nas curtas horas que com ele passei. E, sem desprimor para os outros de casa, quero apresentar a irmã que servia;—irrepreensível, pontual, suportando o cargo difícil dos arranjos domésticos duma casa de família. As

camas era em cima, à moda dantes, colchões de palha sobre bancos de pinho, com bragal brunido ao sol, perfumado de alfazema, nas grandes arcas de castanho. Oh! que gratas recordações não guardo eu da casa do César Roque! E foi daqui que partimos para a grande jornada, no dia 9 de Outubro do ano da graça de 28.

Eu fui adiante, para Unhais, onde daí a nada chegam, César Roque montado num bicho que comprou na feira de Cantanhede, grande de mais para burro e pequeno de mais para cavalo—e Cruz Gomes na célebre égua dos tios. Ali, na igreja do lugar, o nosso ex-companheiro Padre Anibal (9) deu-nos o Pão dos Fortes. Despedimo-nos da igreja com o santo exercício da «Via Crucis»; matámos o bicho em casa do Padre Anibal em alegre camaradagem e subiu comigo até meio da encosta, aquele que foi meu Mestre enquanto Seminaria e que eu quisera que igualmente o fôra, para as almas que lhe confiaram.

A caravana compunha-se agora de três homens, dois burros e um cão, e, enquanto conversávamos sobre o programa a seguir, a égua do Cruz Gomes ferra um valente coice numa perna do César!

Em baixo, do Zêzere, subiam nuvens espessas de algodão e a garganta do Vidual para onde nos dirigíamos, via-se ao longe, negra, enrugada, espreitando, debruçada, a corrente implacável das águas, no seu trabalho de séculos. Agradei ao César a feliz ideia de nos ter trazido ali. Não é nada vulgar um quadro daqueles, único em Portugal com certeza! (10)

Trincámos qualquer coisa na morada do Rev.º Padre José Lourenço, que muito amavelmente nos acompanhou até Vidual de Cima, e não me foram nada indiferentes aqueles momentos felizes em que gozei tão simpática companhia; e descemos a Fajão, entre discussões enfadonhas de «ora agora montas tu, ora agora monto eu», onde tudo terminou, felizmente, pois César regressou com os burros e o cão, e nós prosseguimos para Folques. Descia o sol e nós igualmente, para a mata por um caminho lindíssimo nas margens do Ceira, entre a fresca ramagem dos castanheiros.

Chegamos à porta do Nunes

Padre Horácio

Continua na página três

Foi com timidez que desejei ser padre. Foi com maior que desejei ser da Rua. É bem difícil ser-se padre. É mais difícil ser-se da Rua. Porém, nunca vivi um desejo tão grande como este de ser Padre da Rua.

Deus chamou-me quando bem me podia ter mandado embora. Aproximou-me de Si quando na dureza da justiça me devia ter castigado. Terá sido apenas para manifestar a Sua grandeza: «Eu tenho misericórdia de quem quero ter misericórdia». E agasalhou-me no quente do Seu amor, quando eu lhe negava abrigo no meu pobre coração. Por isso me perturba esta hora em que começo a ser Padre da Rua. Pedi o que não mere-

cia. Deus olhou para mim e amou-me. Sinto que me ama. E ensinou-me a olhar para os outros e a amá-LO. Não quero outra felicidade. Não quero mais nada deste mundo. Quero saber só olhar sempre para os outros e amá-LO. Amá-LO nas crianças sem lar e nos Pobres sem amparo; amá-LO em toda a parte e em todas as almas.

Perturbo-me ao pensar em como agradecer a Deus o ser Padre da Rua. O meu coração angustia-se por não ser capaz de dizer uma palavra de acção de graças que satisfaça. A minha vida oferecida até ao desgaste final ainda é pouco. Pai Américo no Céu irá dando graças comigo.

PADRE JOSÉ MARIA

Uma palavra

Desde o princípio que o número dos operários sempre ficou aquém das urgências da Messe. A História depois de Cristo confirmou a Sua palavra, que será até ao fim dos tempos.

Quem se atreve a deixar..., a deixar..., a deixar-se..., para tomar uma Cruz e A levar—até que Ela, por fim, o sustente, pregado em Si?

Quem entende aquele cruzar de um Homem com outros homens, que deixam tudo ao Seu convite e O seguem até onde Ele mora, Lá, que aqui jamais Ele teve onde reclinar a cabeça!?

Sempre será um pequenino resto, aquele dos que tendo perguntado um dia «o que é preciso para ganhar a vida eterna», não partem entristecidos, quando a resposta chega, total e indivisível: Dar tudo... até ao esgotamento de si mesmo.

É preciso ter penetrado o mistério do «perder a vida para ganhar a Vida» e depois vencer a cobardia que pesa e nos reduz ao horizontal.

Loucos... — deles julgará o mundo..., a carne...

Poucos... — por isso mesmo sempre eles serão.

O mundo e a carne... e a prudência do século — são inimigos do homem!

x x x

A nossa «pequenina grei», como Pai Américo gostava de dizer, foi há dias enriquecida por mais um sacerdote.

Padre José Maria vinha fazendo connosco as suas férias há seis anos. Passou tão discreto que poderia temer-se nem ser reparado. No entanto, em sua alma ardia a fogueira. Um dia desabafou: «Eu só tenho dois desejos: quando morrer, ir para o Céu; quando for Padre ir para a Obra da Rua». E este desejo ele o colocou nas mãos de Deus, tornado visível para si na pessoa do seu Prelado. Disponível, disponível para tudo quanto o levasse e ajudasse a levar outros para o Céu, se possível, e também essa a vontade de Deus, na Obra da Rua.

E Deus respondeu pela boca do seu Bispo. Padre José Maria é Padre e veio para a Obra da Rua. Que bom saber a gente que o nosso desejo é a vontade de Deus!

De joelhos, O bendizemos

Continua na página três

CALVÁRIO

Deus é Caridade. E sendo o homem feito à imagem e semelhança de Deus, também é Caridade. Quanto mais se realizar no Amor, tanto mais se realizará como homem. O ódio é a sua negação.

Graves problemas afligem a humanidade na hora presente. Os homens cansam-se à busca de soluções. Multiplicam-se os sistemas. Como outrora, surgem novos profetas. Falsos, consciente ou inconscientemente. Falham os raciocínios humanos. Os problemas ficam.

Onde a solução? — Só o regresso ao Amor. Sim, o problema, o grande problema da hora presente é um problema de Caridade. Ou nos amamos e viveremos; ou o ódio encarregar-se-á da destruição. Um Amor eficiente e eficaz. Um Amor operante. Um Amor que seja vida.

«Meus filhos, amai-vos uns aos outros». Quase não sabia dizer mais o exilado de Patmos. Não é possível ignorar a existência do outro. Esse outro com seus direitos e deveres. Esse outro que não pode ser considerado como o inferno de quem devemos fugir e a quem podemos odiar.

Diligite... Amai...

x x x

«Mais um mês que passa, mais alegria para mim. Referente ao mês de Agosto, vão os meus 20\$ e os votos sinceros dum futuro cada vez melhor, para a grandiosa Obra do Calvário. «De uma doente para doentes». Quem é generoso com os Pobres não deve temer nunca cair em pobreza. Deus terá cuidado particular de multiplicar o que lhe fica para que nunca lhe falte que dar. «Aí lhe envio 100\$ para o Calvário. Vou ver se posso mandar todos os meses como penhor de gratidão pelo bem que essa Obra me faz». No Espelho da Moda deixaram cem de uma vez e 20\$ de

outra para o mesmo fim. Em «O Comércio do Porto» igual quantia. «Para o Calvário, conforme me propus, aqui vai a migalhinha referente a Julho. «Uma portuense qualquer». Sim, há uma preocupação que para nós é uma certeza. Querem ficar escondidos aos olhos dos homens. A força da fé gera estes heroísmos. «Junto vão os 100\$ deste mês para o Calvário». Vêm de Lisboa. Metade e não sei a origem. Não importa. C.C. pede a Pai Américo que aceite para o Calvário a sua migalhinha. «Para melhor sossego de uma alma pecadora, 20\$. De Ovar. Tem razão. A Escritura diz que a esmola bem dada cobre uma multidão de pecados.

Visado pela
Comissão de Censura

Cont. na pág. DOIS

MAIS UM CIRENEU

E o viandante segue o seu longo e árduo caminho. Pára. Medita. Escuta a voz. Segue de novo. Anda, anda, anda... No meio de sacrifícios, dolorosa via-sacra, privações sem conta. Grandes e longas tentações se terão postado no seu caminho. Deixou o pai, a mãe, os haveres, as redes, para ser o Apóstolo, pescador de homens para a Messe do Senhor.

Foi no dia 16 de Agosto, numa manhã bela de sol. O Amigo que abre a janela da alma para nos ciciar docemente uma canção terna, meiga, melodiosa que faz vibrar e concentra os sentidos em algo de mais para além do que todas estas banalidades e balufices que nós, jovens, alimentamos viciadamente. Por isso, estes dias grandes são o que nos vai despertar do marasmo em que estamos mergulhados. Estes dias são o toque de alerta e a «Obra da Rua» passa momentos grandes, de intensa e profunda espiritualidade. O homem não é só matéria. Algo mais. Mais nobre, sublime. Nestas alturas é que mais sentimos o fim primordial para que fomos criados.

Entrou na «Obra da Rua» o Senhor Padre Zé Maria. Que feliz, pois se não tinha no mundo outro desejo! Que contentes não estamos todos nós, por termos brilhar mais uma estrela no céu da nossa Obra! Mais um canto que cheira a Alto! Semente lançada à geira. Dá a ilusão de apodrecer; cresce, cresce viçosa e alegre a planta, floresce. Flor tão bela, porque cercada de espinhos. Os mesmos que tocaram a cabeça do Grande Triunfador do Gólgota! Desta flor bela vem o fruto, belo também, saboroso. Vêmo-lo. Contemplamo-lo com nossos pobres olhos mortais. Mas o seu sabor. Oh que sabor! Só depois de lutas titânicas. De vitórias sobre o inimigo. De vitórias sobre nós mesmos que somos filhos de pecado, é que os iremos saborear no Paraíso!



Padre José Maria e seus filhos.

«Vai dizer a João que os coxos andam, os cegos vêem... os pobres são evangelizados». Felizes dos tocados! O apóstolo chegou. Trouxe-nos algo que nos sacia. E nós não devemos aproveitar? Hemos de passar indiferentes, sem nos lembrar que seremos réus de morte e teremos, o lugar de condenados no Tribunal do Juízo Final? É a fonte que brota, brota sem cessar, à espera dos filhos pródigos que andam rastejando, solicitando o que nem para os porcos servia, depois de vida farta!...

Primeiro os padres, escada pela qual temos de subir em linha ascensional, depois os chefes e a seguir nós todos ajoelhemos porque Cristo vai a passar!

Depois duma noite calma e de paz, onde toda aldeia descansou com a cabeça nos pés de Jesus, eis que nos surge uma manhã bela, tendo apenas a cortá-la um pequeno véu de nevoeiro que nos parece diferente dos outros dias. Associa-se mesmo ao dia festivo e aos enfeites que estavam na berma da nossa principal avenida, entrada e adro da capela e ao som da sinfonia que reinava nos corações, que todos os filhos da Obra da Rua deixam transparecer através dos rostos, que se apresentavam diferentes do habitual, a contar-nos que havia algo de novo, que coisa grande tinha passado intra muros. Chega no Morris, juntamente com o Sr. Padre Carlos, o neo-sacerdote, novo cireneu que vai ajudar a levar a grande cruz da Obra da Rua, pesada herança legada por Pai Américo que hoje goza o fruto das noites de insónia, saeríficos sem conta. As naturais aflições de Pai Aflito que se consumiu até à última gota e não descansou enquanto não viu o que, antes era o mais vil, tornado no mais belo hino que se pode cantar — a salvação de nós todos e a sua própria salvação. Primeiro eu, depois vós e um dia nos encontraremos todos. Era este o hino que vinha do coração de Pai Américo.

Abraços, mais abraços, mais aproximação desta família e o Senhor Padre Zé Maria envolvido numa onda de amor. Avenida acima, toda entapetada e o Apóstolo dá os primeiros passos na estrada que o conduzirá mais Além!

Não faltaram os foguetes à entrada, ao principiar a missa, no fim e depois do almoço, os quais também nos tocaram a vez e nós todos satisfeitos.

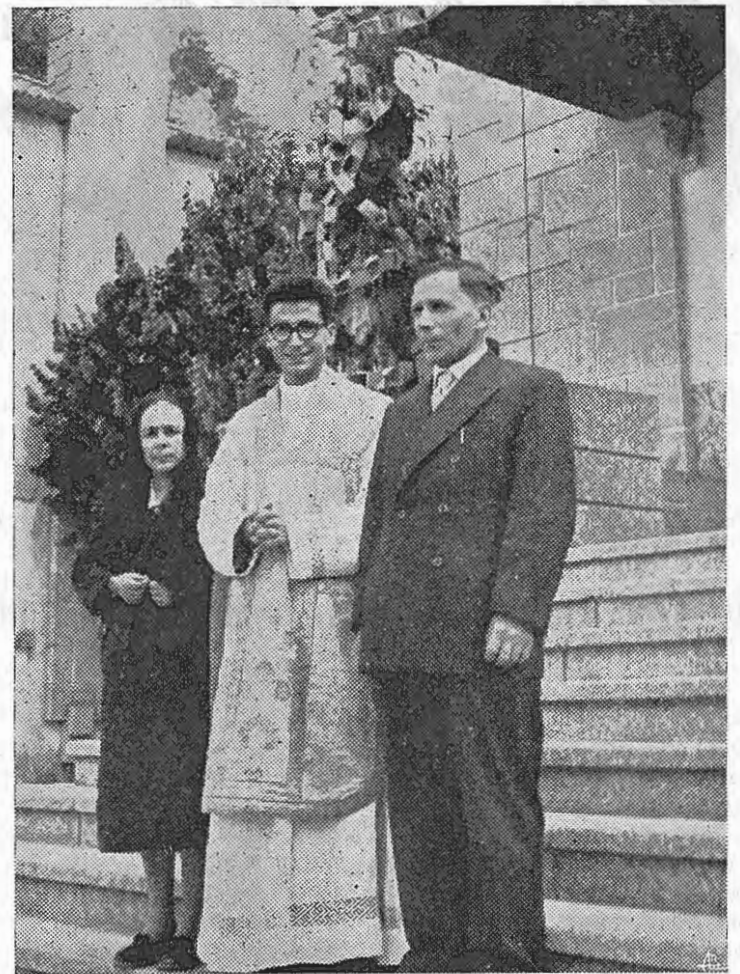
Começa a missa, cantada pelos «Melhores», do Sejaquim e alguns seminaristas do Porto e de Lisboa que já fazem parte da família. São os «Seminaristas Gaiatos», como alegremente lhe chama a malta brava. Não faltava o Snr. Padre Aires, de Ordins. O Senhor Padre Alberto, com a habitual boa disposição. Estava o Senhor Padre Horácio, com suas piadas. O Senhor Padre Baptista em forma. Senhor Padre Manuel a puxar as orelhas ao seu graixista que é o Sejaquim. Snr. Padre Acílio, alegre como passarinhos e flores de Setúbal! O Senhor Padre Carlos a meter «todo o mundo» na ordem. O barulho da malta. Disposição até se faltar e o almoço melhorado lá decorria com uns a exibirem-se a grande altura. Era cada prato que parecia a serra de Calves. Outros, porque não estariam lá muito bem dispostos, ou lhes doía o fígado, ou se estavam a fazer músicos, diziam que só tinham sede. Mas a crónica foi fraca, pois não tiveram outro remédio senão irem ao S. João, onde a água era muito fresquinha!

x x x

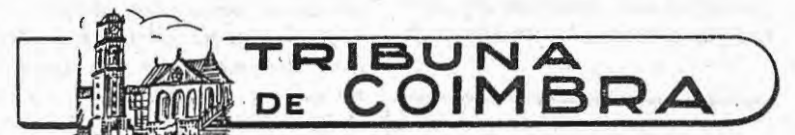
Na missa, à hora própria, o Senhor Doutor Avelino, outro dos familiares, Avô da Obra, falou dos deveres dos Padres da Rua. Que os Padres da Rua, têm de ser uns queimados. Queimados interiormente. Consumidos até se extinguirem da face da terra. Queimados como o mestre que é o Pai Américo, que é ainda quem governa a Casa, os nossos destinos! Ele do Céu, rege. Põe a sua mão por sobre a nossa cabeça e fala, haixinho, ao coração dos que ora são pais por seu mando. São os timoneiros da grande nau que não mais acabará porque divina. Vós, rapazes, escutai a voz do Mestre e não fiquem indiferentes. O indiferente é a pior peste que vagueia na terra. Que não aconteça terdes passado pela Fonte sem dela vos aperceberdes.

No refeitório, tornou-nos a falar e lembrar que nem tudo será sempre bom. A rosa, que é bela, não passa sem espinhos. Não há delas sem eles! O novo padre, todos os nossos padres, mendicantes por amor, porque por isso lá estão os espinhos das privações, horas de aflição, que se transformarão em onda de Graças, fonte de toda a consolação!

Daniel



Padre José Maria e seus Pais.



No domingo, dia 20 de Julho, foi o casamento do José Clemente, por alcunha o «Pinquinho». Natural de Leiria, veio em pequenito para nossa casa. Por cá se conservou e de há anos é empregado dum Armazém, com muito contentamento dos patrões. Estavam presentes: um patrão, a Senhora que pediu para ele vir para aqui, a mãe e dois meios irmãos, a família da rapariga, o Sardinha e eu. Casou na Marinha Grande, donde é natural a mulher. Quis que fosse eu a realizar o casamento e pediu-me para ser à missa. «Quero que o meu casamento seja a

sério, porque lá parte deles vão só ao civil.

Dissera-me algum tempo antes que gostava de fazer o Retiro antes do casamento.

Fiquei contente e quem dera que todos os nossos rapazes tomem assim o casamento a sério.

x x x

Parece-me que em toda a parte é dia de muita festa o dia das inspeções militares. Em nossa casa foi.

Este ano três: Gabriel, Pascoal e Rato. Gabriel, internado num sanatório do Caramulo, não vibrou. O Rato e o Pascoal, livraram por raquitismo da primeira infância e fizeram uma grande algazarra. À noite foram passear até à Vila e chegaram a casa a cantar muito e a dar vivas aos livres.

Eu havia passado nesse momento pela rouparia e uma das Senhoras, ao ouvi-los, comentou: — certamente beberam demais. Eu disse que não e saí nessa resolução. Estava há pouco no meu quarto, quando eles chegam, pegam do terço e começam a rezar muito lentamente. Ninguém deu por aquele acto de amor à Mãe do Céu, nem eles souberam que eu escutei e que interiormente também gritava com muita alegria: vivam os livres.

x x x

Já entrou no programa da vida das nossas comunidades, o Retiro anual para os mais velhos. Os rapazes tomaram consciência desta necessidade espiritual e começam a senti-la.

A nota mais simpática é que aqueles que vão deixando as

CALVARIO

— Continuação da primeira página —

Esta vem regada com as lágrimas «de uma vida que é um Calvário». Em Acção de Graças, 50\$. O dobro «pela saúde de meu marido». Pela mesma situação e com a mesma quantia se desobriga uma «humilde portuense». «Um pouco tardiamente, este mês, deposito nas suas mãos a importância de 100\$ que voluntariamente prometi em *minha consciência* e com o pensamento em Deus». Que melhor garantia de presença? No Espelho da Moda, duas vezes cem. A quarta parte mais os juros pela demora de «Ninguém». De Lisboa, 2 vales, metade para o Calvário e outra metade para os Pobres do Barredo. Paços de Ferreira vem com toda a devoção depositar em nossas mãos pecadoras um vale de 1.000\$00.

Padre Manuel António

Continua na página três

PATRIMONIO DOS POBRES

De Provezende descemos a Pinhão, onde começa o caminho da Pesqueira, Estrada má, empoeirada. Com o calor que fazia, eu e o meu companheiro — sem falar no Morris — chegámos com o rosto em lama.

S. João da Pesqueira tem quatro casas grandes, desengraçadas e um pedacito fora da vila, embora perto. Foram as primeiras e não sem grandes sacrifícios. No entanto há possibilidades e desejos de outras casas. Há entusiastas dispostos a tudo. Há gente fora da terra, que deixou lá seu coração. Há terreno noutra local, até mais aprazível que o primeiro. Que falta, pois, senão que mais uns meses passem, para termos a doce notícia de mais umas tantas famílias abrigadas?!

Meda fica uns poucos de quilómetros para Sudeste. Foi o nosso rumo.

À chegada o Pároco acompanhava alguém à última morada. Parámos. Associámo-nos.

Recordámos aquela expressão que um dia Pai Américo soltou, espontânea, vibrante, na velha Igreja Paroquial de Paço de Sousa: «Se é obra de misericórdia dar sepultura aos mortos, o que não será dar morada aos vivos»?... Nós estávamos ali pelas moradas dos vivos-sepultados, mas pudemos também juntar a nossa prece às de quantos cumpriam a piedosa obra de sepultar um morto.

Chegados à residência logo apareceram dois vicentinos, rapazes novos, o braço direito do seu abade. Foi uma confraternização agradável, repoussante.

Meda dispõe do terreno. Uma casa quase pronta. Outra um bocadinho menos no fim. A terceira acabada de pedreiro. Ó casas! A chaminé em estílo regional! Uma beleza! Apalpa-se o requintado espirito de delicadeza que só a Caridade sabe!

Essa noite dormimo-la em Vila Nova de Foscoa. Aí ainda não há moradias senão um terreno óptimo e central e a vontade realizadora do seu Pároco.

À noite reuniram-se-nos as pessoas boas da terra e conversámos. Preferíamos que o lugar fosse a Igreja Paroquial à hora da Missa e todo o povo junto.

O Património não é obra dos grandes para os pequenos. É obra de todos. Ninguém pode ficar de fora. Migalhas também são pão. E é justamente desta presença universal, incluindo mesmo os próprios que não-de beneficiar, que a Obra tira o seu rendimento espantoso, que lhe permitiu em tão poucos anos e sem garantia alguma, a soma de casas que hoje já são.

Falei, pois, da mística do Património. Da Humildade como condição sem a qual tudo o que for feito é poeira, que o vento depressa levantará.

No fim, o Snr. Abade falou e eu ouvi e todos ouvimos a promessa dos Vicentinos mais

das Vicentinas, de construirem cada qual a sua casa. Vão ser, portanto, cinco casas. E mãos à obra, que o inverno vem aí!

A manhã seguinte deu connosco em Moncorvo, no caminho de Alfândega da Fé. Aqui, duas casas a acabarem de pedreiro e estão mais duas no princípio. Casas grandes, seguramente construídas. Como o largo é espaçoso e permite um bom número de casas, ali mesmo ao lado da Igreja e Residência Paroquial, eu propuz que não fosse esquecido o lado estético e se fugisse à fôrma. Cada bloco, sua arquitectura. E os dois em mãos, ao menos cores diferentes, para quebrar a impressão da chapa repetida. Atravessámos a rua a apalpar miséria. Descemos uns degraus de fazer vertigem. Era a cozinha-sala. Ao fundo um tabique. Atrás dele o quarto único, sem espaço senão para a única cama. Mais atrás outro meio tabique e a corte dos animais. Toda a casa enterrada. Luz e ar só o que a porta carcomida e os buracos do telhado e das paredes deixavam entrar. Disseram-me que casos semelhantes, são e são e são...

Aquela casa fora trocada por um terreno, «que os ganhos não permitiam a renda certa e sem comer sempre se passa, mas sem telhado não», nem que seja uma hipótese, como ali.

A tarde foi em Bragança onde já são seis casas. As três últimas melhores que as três primeiras, como é natural. Todas muito bem expostas, com bons quintais, mas implantadas ao modo de «ilha», o que é sempre bom evitar.

Manuel Coko, o veterano de todos os gaiatos, dá ali o serviço militar. Cartas e cartas de saudades, todas gemidos de solidão. Dias antes, Padre Horácio e eu passámos em revista todos os nossos tropas ao sul de Coimbra: Lisboa, Sacavém, Torres Novas, Entroncamento, Tancos... um que foi para a Índia...

Só Manuel «Coko» continuava gemendo a sua solidão. Pois foi aquele dia, Demos uma volta. Conversámos. Comemos todos três um jantar adequado. Um regalo! À despedida Manuel veio no Morris até às portas da cidade. O carro avançava e eu ia observando lágrimas que avançavam também para a frente das trincheiras dos seus olhos. Vinte e um anos feitos! Soldado pronto a defender a Pátria até ao dar da vida! Naquela hora, por sobre os anos e circunstâncias, aflorou o Manuel Coko pequenito de dois ou três anos, que um dia foi achado em um curral de suínos, já mordido. O último abraço foi em soluços.

A nossa volta fechou em Vinhais. Aí não íamos por casas do Património. O Pároco já vira o problema. A grande maioria dos seus paroquianos vive aflitivamente (eu fui para ver e vi), mas não se conforma, graças a Deus. Pedindo aqui, lutando acolá..., muitos já começaram e outros estão

dispostos a sacrifícios heróicos que Deus decerto vê e abençoa, para darem aos seus um tecto que se possa dizer lar. O caso é de pequenos auxílios que se somem ao esforço corajoso daquela gente e os deixe levar a termo a construção das suas casas. Terrenos, há-os. E bons!, que Vinhais fica numa encosta virada ao Sul que desce até o Tuela. Vinhais é bonita. Chamam-lhe a Sintra de Trás-os-Montes. Tem casas antigas. As ruas centrais muito caiadas. Só aquelas manchas de tuguírios sem nome que o viajante distraído não lobriga, só essas são capazes de roubar beleza a Vinhais.

Deixamos um bocadito de dinheiro que o Pároco, qual Pai de família que ama sem paixão que cegue todos os seus filhos, vai governando e repartindo em migalhas. Assim Deus nos ajude a voltar-mos quando for preciso.

Diz-se por aí que o problema é grave—é verdade. Estudam-se projectos de tão grande alcance que riríamos os vês.

Ali em Vinhais, com Humildade e Amor no coração dos homens e um pouquinho de dinheiro da algeibreira deles, Deus, pouco a pouco, vai renovando a face da terra.

Facetas de uma vida

— Continuação da primeira página —

Pereira (11) por volta das 4 horas. Este apareceu-nos à janela do tuguírio, uma casita rústica, simpática, bem situada. Entrámos; vimos coisas; na cozinha havia jeitos de quem arranjava um pitêu e deixámos a Mãe e irmã indignadas com a desfeita de o não ter provado.

9) — O Rev.º Padre Anibal Dias Pacheco, actual pároco da freguesia de S. José, da cidade de Coimbra.
10) — Foi na «garganta» do Vidual que se construiu dez anos depois a Barragem de Santa Luzia, onde estagiou o Eng.º Carlos Galamba, antes de ser o Padre Carlos dos Gaiatos...
11) — Augusto Nunes Pereira, poeta e artista, actualmente pároco de S. Bartolomeu e chefe da Redacção do Correio de Coimbra.

Frei Junípero
(CONTINUA)

UM PEDIDO

Um assinante precisa do número 323 de «O Gaiato». Quem o pode servir?

TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da página 3

nossa comunidades e vão ficando à sua responsabilidade, são os que mais anseiam por ele. E antes eles escreviam a prevenir: eu quero muito ir. Veja se pode ser e diga-me para eu pedir ao meu patrão.

E alguns vêm de longe e outros sujeitam-se a ouvir um não, mas tentam.

Quando todos os nossos rapazes tomarem consciência da sua grandeza de filhos de Deus, teremos os farrapos de ontem a transformar-se em apóstolos de hoje e de amanhã.

SETUBAL

Não há homens com vontade de ser maus, nem indivíduos apreciadores de apelidos desprestigiados da sua personalidade.

Eu fui outro dia, visitar os presos, pela primeira vez na minha vida, e verifiquei, com espanto, que a sua grande preocupação era dar-me a entender que não eram criminosos. Apresentavam motivos fúteis, culpabilidade meramente jurídica, injustiça humana ou maldade de outros homens. Deu-me para pensar. Os meus visitados eram todos novos; vinte a trinta anos. Mais dorido fiquei quando alguém me chama a atenção: —olha, tudo por falta de amparo.

Tantos adolescentes a expiar crimes que não confessam e jamais queriam ter cometido. Tudo por falta de assistência! Nesta hipocrisia aparente descobrimos o grande anseio de ser honrado, de ser bom, de subir. Não o conseguiram nem talvez o alcançaram — tudo por falta de amparo!»

Ora os nossos são dos que amanhã iriam encher as celas das cadeias do Estado, em grande parte. Tenho prescrito, ouvindo o bater do coração, fixando a limpidez ou a nebulosidade dos olhares e entrando na amplidão de almas cheias de beleza! Descubro muitos defeitos, tendências fortes para o mal, taras e paixões que os avós ou a sociedade responsável há-de expiar e, a um canto, sempre alerta, sempre viva, sempre nova, a vontade de ser melhor. Não há rapazes maus, ou antes, não há rapazes com desejo de ser maus.

É ver o seu gosto pela simplicidade e encanto da natureza. Contactar com ela, vê-la, senti-la, copiá-la, é remédio dos mais eficazes. A natureza é a grande escola. Pai Américo sabia-o. Nós vamos aprendendo dele e dos rapazes! Por esta razão foram este ano plantados em Setúbal dois mil eucaliptos para tornar mais espessa a mata que rodeia a nossa casa; pela mesma quase todos os rapazes trabalham no campo antes de entrarem nas oficinas e empregos.

O atractivo pela bicharada é outra nota apodítica do seu gosto pela natureza. Ele é passaros de todos os nomes, cantares e cores, lagartos, sardões e sardaniscas da mais variada policromia, cobras, cágados e peixes! Sobretudo, acima de tudo, mais que tudo, os reis do seu gosto são os grilos. Até eu sou pelos grilos! São meus preciosos auxiliares.

Fui ver o batatal e encontro muitos tubérculos podres. Qual a causa? — Grilos! A todos os cantos topo com aparas de capas e facas perdidas—Qual o motivo?—Gaiolas para grilos. Gente que não vem para a cama a horas. «Morreu o meu grilo e eu fui buscar outro». Até na capela, os bichinhos, nos bolsos dos rapazes, louvam com estes o mesmo Criador!

La ontem na furgoneta e oiço um grilo a cantar. Vou a ver e acho, dentro duma cana, aberta em adoeles e tapada com uma rolha de cortiça um destes cantores. Era do Crisanto. Crisanto foi à inspecção militar e forçosamente tinha de ficar apurado. É chefe em Setúbal e Miranda há uns 5 anos; tem o terceiro ano e também engraa com grilos! Até as senhoras têm aqueles insectos a cantar na sala de costura. E pareceu-me ouvir a noite passada um no escritório.

Tenho, por costume, antes de deitar, recolher-me uns momentos na capela e depois observar como dormem os que são motivo da minha vida. Um destes dias, era madrugada, encontro nas três camaratas este espectáculo comovente, lindo. — Calor. A minha gente só entre lençóis, ou a descoberto, dormia em paz e sossego ao som dum canto virginal de grilos que à cabeceira de cada um embalavam os seus amiguinhos em cantares de pureza! «Bendito Deus nas suas Obras». Cena de encanto que jamais esquecerei! A natureza é proveitosa escola que a juventude de Portugal, tantas vezes, despreza. Os grilos falam-lhes de verdade, de justiça, de amor, de trabalho, de delicadeza, de liberdade. Os grilos nestas celas de canas não-de ensinar os rapazes a jamais merecer as prisões públicas!

PADRE ACILIO

inesperadamente o pai faleceu e ficou mais um abandonado nas ruas de Portugal. Mais um habitante da Casa do Gaiato

Padre Horácio

Uma palavra

— Continuação da primeira página —

por sinal tão sensível o Sua predilecção. E rogamos que o sacrifício da cedência deste obreiro se multiplique em graças sobre a diocese que o faz, tão pobre, tão sacrificada, tão pronta no serviço da Messe universal que é a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Pelas Casas do Gaiato

PAÇO DE SOUSA

— Campanha dos cinquenta mil. A nossa Redacção anda no serviço de limpeza aos edifícios. Muitos assinantes têm ido abaixo e ainda há senhores que estão na lista negra. Ai os cinquenta mil! Vamos, vamos prá frente. Muitos, mais e mais e mais. Sempre deles. Muitos deles.

Nós andamos chateados porque sonhamos outro dia que ainda há terras onde «O Gaiato» não é conhecido. Ora nós estamos encarregados pelo Pai Américo de levá-lo a todos os lares, tanto vale ser cristãos, como não. Aqueles, para fortificar a sua fé, serem mais fortes. Estes, para que saibam o Caminho. Não andem à escuras. Tenham a lucerna que significa presença e sacrifício.

Po's meus amigos, que não haja ninguém que não saiba onde é a redacção e o caminho para Paço de Sousa. Mesmo, «O Gaiato», é bom, bonito e barato. Quem tiver «O Gaiato» tem sempre arroz no prato. Portanto; Gaiato! Gaiato! Gaiato!

— Olha, ali vai o Alfredo. É ele. Isso é que é um bacano. Um camaradão. Se calhar já deram fé do porquê desta letra toda. É que ele é o distribuidor da merenda e doce. Para o levar tem de ser também com meiguice.

Boa tarde, Sr. Alfredo. Isso é que ele é bom jogador!

— Oh Alfredo, no domingo havemos de dar uma passeata.

E muitas mais coisas lindas, que soam bem ao ouvido e lhe dizem o Bonifácio, o Míngos e o C.º Pereira, quando vão à merenda. E o Cândido tem uma treta, capaz de embrulhar 2 polícias!...

— Já comi um prato de conduto. Ele já me deu o café e se houvesse uns docinhos...

Eie lá cai como um pato. Vai comer lá fora, meu menino!...

— Para fecho da época desportiva, tivemos a visita do Grupo da JOC de Lourosa, Vila da Feira.

A partida começou bem para os visitantes que obtiveram dois tentos de rajada. Dois autênticos brindes.

O nosso Grupo cresceu e ao intervalo já vencia por 4-2 com dois golos de Oscar, um de Pinheiro, e outro de Gaia.

Na segunda metade da partida saiu Cândido, com mazela numa perna e entrou Daniel, ficando a linha assim constituída: João; Guilhufe, Vicente e Carlitos; Pinheiro e Daniel; Caetano, Quim II, Oscar, Camurra e Gaia.

O jogo recomçou com o G. D. da Casa do Gaiato abertamente ao ataque. A meio da segunda parte já vencíamos por 8-2, com dois tentos de Daniel, um de Pinheiro e outro do extremo-esquerdo Gaia.

Ainda podíamos ter feito mais tentos, mas só foi culpada a falta de sorte do nosso lado. E, assim, e com facilidades do sector defensivo, com tarde fraca do guarda-redes, os visitantes foram marcando e chegaram a 8-5.

Portanto, no final da partida, o marcador acusava.

G. D. da Casa do Gaiato.....8
JOC de Lourosa.....5

Muito obrigado amigos pela vossa agradável visita e, como mostraram desejo, teremos muito gosto em voltar a Lourosa.

— «A Voz dos Novos», entrou no seu quarto ano de existência e os seus redactores tiveram cada um, um pente e umas lâminas para rapar o bigode!

O C.º Pereira, ainda chegou a falar ao Senhor Padre Carlos no jantar, mas por agora ficou no copo de água... do S. João!...

E muchas graças, niños!...

Daniel

MIRANDA

— No dia 31 do mês passado, à noite, principiou o nosso retiro espiritual que anualmente tem tido lugar na Senhora da Piedade que se pro'ongou até ao dia 3 de manhã.

Tomaram parte nele os nossos rapazes com mais de 16 anos e alguns das casas do Tojal e Setúbal. Foi pregador o nosso grande amigo, Sr. Padre Alberto Neto.

O retiro, que principiou portanto no

quinta feira à noite, embora não conhecendo o aproveitamento e o bem que cada qual de lá trouxe, foi tomado muito a sério, com silêncio rigoroso, silêncio que só terminou no sábado ao jantar.

Foi sem dúvida o retiro que melhor decorreu. Foram dias exclusivamente destinados aos assuntos e problemas da nossa alma.

No fim do jantar, como é já tradicional, usaram da palavra vários rapazes, (o que se tornou uma nota interessante destas nossas reuniões) manifestando a sua satisfação e dando graças a Deus pelo enorme dom que ele nos concedeu durante esses dias. Todavia o retiro terminou só no dia seguinte, Domingo, com a Santa Missa.

— No dia 20 de Julho findo, fundou o seu lar o José da Encarnação Clemente e que em nossa Casa foi o «Pinguinho».

O casamento a que eu assisti e mais o Senhor Padre Horácio, realizou-se na Marinha Grande, a terra da noiva. A cerimónia teve lugar à Santa Missa, tendo os noivos, na altura da comunhão, tomado parte no Sagrado Banquete.

Houve depois o almoço de festa e o novo casal veio na nossa «Opel» até Coimbra, onde o José Clemente trabalha e onde f'xaram residência.

Aos novos esposos, desejamos as maiores felicidades e que saibam sempre ser unidos e continuar a Família da Obra da Rua.

— Outra notícia alegre é a dos exames do Chico.

Este encontra-se já há algum tempo aqui em férias, depois de ter dispensado, na secção de ciências, às provas orais do 5.º ano e de ter também feito as ora's de letras. Nesta secção foi à prova oral com 13,1 e acabou com 14 valores.

Brevemente iniciará a preparar-se



O José Clemente e esposa. Ele veio em pequenino para nossa Casa. Agora, é empregado de armazém.

para a admissão à Escola do Magistério Primário, onde lhe desejamos que tenha êxito como este ano.

— E deixei para o fim o que devia ter feito no princípio que era agradecer à Digma Directora do Colégio «Pedro Nunes» e a todos os Professores.

Realmente não sabemos como agradecer tamanha generosidade, dedicação e interesse, que todos revelam, por nós. Não somos mesmo capazes de agradecer, mas o certo é que ninguém está à espera do nosso agradecimento, mas sim da paga dos «cem por um» que o Senhor prometeu.

Porém, é com sincero reconhecimento que aqui expressamos um muito e muito obrigado.

Carlos Manuel Trindade

NOTÍCIAS DA CONFERÊNCIA DA NOSSA ALDEIA

UM APELO: Estamos com uma dívida de 10.000\$00!

Chegamos a este ponto não por desgoverno mas pelo simples facto da Caridade fugir um nadinha à prudência e abrir-se e estender-se e querer acolher todos no seu regaço de Amor.

10.000\$00! Dez contos de reis que a Obra tem abonado, suprindo o que não vem, só para que aos nossos Pobres não falte o prometido. Aos Pobres não se deve prometer — e faltar. Nunca!

Temas apertado o cinto na farmácia. Sacrificado coisas bem necessárias em casa deles — o dinheirinho certo, não!

Vem em nosso auxílio. Não vás para férias sem o contributo que é devido aos Pobres. Eles não têm férias — e nós temos. Nem pão — e nós temos. Nem que vestir — e nós temos. Não vás para férias sem ouvir o nosso apelo, que não é nosso — é deles. Nós somos nada. Eles, tudo — a imagem de Cristo, a mais visível aos nossos olhos de pobres mortais.

Anda, quebra as algemas. Não guardes para amanhã a resposta. Um vale. Uma carta. Em cheque. Em notas. Em moedas. À mão. Qualquer via. Pouco. Muito. Não interessa. O coração é quem manda. E como as férias serão deliciosas!

x x x

O QUE RECEBEMOS: Durante um mês o correio trouxe 20\$00 da assinante 33.263. Mais 20\$00 da n.º 4359, «para o pobre mais necessitado». Mais 10\$00 de Cabeceiras de Basto. O mesmo de Moimenta da Beira. Mais o costume de A. F. do Porto. Ponham todos os olhos na persistência de A. F., do Porto. E mandai assiduamente o que tiverdes na vontade. Caridade é renúncia! Renúncia ao comodismo. Mais 50\$00, do Porto, em «cumprimento dum gra'a pedida ao Pai Américo». Já não é a primeira nem a segunda, são muitas — quantas?! Dantes era de rosário na mão (donde lhe vem o dinheiro, perguntavam, e aponta o rosário...), ou no

canto da capela ou no Altar do Sacrifício (quantas ralhadelas!). O Pai do Céu escuta a voz do Justo. Agora, mais facilidade. Afastado o invólucro mortal goza em Plenitude; intercede e Deus actua. O felicidade! Mais 20\$00 de Olinda Pereira. Mais 50\$00 de uma senhora no Hotel Império, do Porto, «para ser distribuído a 10\$00 mensal a uma Pobre das mais necessitadas». Mais 100\$00 de algures, de alguém com letra já nossa conhecida. Mais 20\$00 do assinante 20.885. Mais o dobro para «as obras da Conferência, para o que for mais necessário. Não preciso nome, apenas isto. Em cumprimento dum graça obtida por intercessão do nosso saudoso Pai Américo». Mais uma. Mais um título de glória. A graça não é testemunho de santidade? Mais 20\$00 de «uma portuense qualquer» para «lembrar o dia 16 de Julho». Que dia! Recordações boas ou más — tudo o que fala de Pai Américo enche-me a alma. Mais 50\$00 daquele a'guém de algures, atrás citado, cuja letra conhecemos mas não pessoa ou nome. Que importa! Feliz de quem se esconde a praticar o Bem. Uma senhora, minha companheira de viagem até ao Gerês num gazogéneo (um dia, durante a guerra, convidaram-me a visitar Pai Américo por lá em tratamento. Aceitei. Louco de satisfação. Eu era, ainda, de calções. Que alegria o nosso encontro!), ora essa senhora, digo, esteve e deixou 50\$00 e matámos saudades e já não foi nada mau. Mais 120\$00 do assinante 19.205 «relativos ao primeiro semestre do corrente ano». Um médico das Caldas da Rainha, de vez em quando aparece; hoje vem com 50\$. Mais 15\$00 de Basílio Silva. Mais 10\$ da assinante 8973. Mais 50\$00 da Minucha e primos. Merecem um aperto de mão por serem tão persistentes. Uma vicentina de Carracedo, esteve e deixou 50\$00. Que estes 50\$00 se multipliquem, aí, em 500\$00. Assim Deus queira. Mais 20\$00 de R. A. M. «com o pedido de desculpa pela insignificância do donativo». Todo o valor reside aqui. Mais 20\$00 «para os 4 pobres mais pobres aos quais suplico a Caridade de orações». Da assinante 19.434. Mais 20\$00 de Laura Guerra,

CANTINHO

Cumpro o recado. «Diga a todos os meus irmãos, que existe cá longe um filho feliz.»

Eu não sei dizer nem melhor, nem tão bem como ele. O recado que me deu é o que dou.

«Ando há uns dias para lhe dar uma notícia, mas que notícia; dentro de poucos meses serei pai, se Deus quiser. Sei que podia fechar esta neste momento, porque já disse tudo. Mas tamanha alegria faz falar, já porque sentimentos à nossa volta, sentimentos dum fruto que nos é muito querido. Minha mulher anda cumprindo o seu papel de futura Mãe. Palavra suave, não acha Padre Carlos?! Somos muito felizes e damos graças a Deus. Cada vez agradeço mais toda a minha felicidade que é também dela. A trabalhar se consegue, com compreensão se consegue, com sacrifício se consegue e com a graça de Deus se consegue a felicidade que nós temos. Os ricos não são mais felizes quando não têm estes meios ao alcance. Diga, como sabe melhor que eu, a todos os meus irmãos, que existe um filho cá longe feliz, sim sou feliz.

Perdoe-me o tempo que lhe tomei, faça presente a todo o nosso mundo das minhas saudades, e aceite deste filho um forte abraço saudoso, cheio de respeito, e nas orações ao Sagrado Coração de Jesus não esqueça o pedido da minha lembrança, do Seu amparo eu vivo. — Minha mulher está em tudo comigo.

Do António Prata»

Também eu «podia fechar aqui este Cantinho, que ele já disse tudo». «Mas tamanha alegria faz falar!» A alegria transborda de quem saboreia frutos que o tempo amadureceu deliciosos e não pode calar um que bom!

Eu queria que todos vós, meus filhos, não perdesseis uma palavra, digo melhor, um sentimento, de quanto o nosso António Prata nos revela. Primeiro a alegria da paternidade. Tantos que lhe fogem, desconfiados, egoístas, cobardes, diante do encargo sagrado que ela lhes traz. Vós tendes sido testemunhas de como os nossos rapazes de aquém e além-mar têm bendito a Deus pela graça dos seus filhos.

Depois, a unidade, que é a razão fundamental da felicidade daquele Lar. «Minha mulher está em tudo comigo.» «Sentimos (eles os dois, como se fossem um só!) à nossa volta, sentimentos dum fruto que nos é muito querido». «Minha mulher anda cumprindo o seu papel de futura Mãe. Palavra suave, não acha...?»

Ele talvez nem tivesse reparado..., mas quando escreve mulher, põe um m, quando diz Mãe, usa um M. A sua mulher, de se tornar Mãe, torna-se mais sua. É uma promoção na escala do amor. Eu oiço aqui todos os dias o Júlio: «Já não precisa mais de mim? Vou ver o meu filho». Dir-se-ia que já lhe não interessa a mulher... Engano! Nunca como agora eles encontraram o seu mútuo interesse desde que ele é pessoa, na pessoa do seu filho.

O mundo queria a felicidade no fundo duma ladeira, até onde bastasse escorregar. Mas a felicidade verdadeira não é fácil. Conquista-se como as cidadelas no alto das montanhas: à força de coragem e perseverança.

Depois, a luz, — que não é deste mundo, não! — que o não deixa tropeçar nos degraus por onde se sobe à felicidade.

«A trabalhar... com compreensão... com sacrifício... com a graça de Deus...» — tudo valores que o mundo rejeita. Valores de contradição, sinais de Cristo, por isso valores verdadeiros e os únicos que levam à verdadeira felicidade.

«Os ricos não são mais felizes...» Todas as fortunas do mundo não podem comprar o tesouro que a consciência tranquila é. «A trabalhar... com compreensão... com sacrificio... com a graça de Deus...» se consegue uma consciência tranquila. «Se consegue a felicidade que nós temos».

O António vive do seu braço. É pobre?... É mais rico do que os ricos, quando não têm estes meios ao alcance. É tão rico, que não tem onde guardar para si toda a sua riqueza e por isso a reparte, e quer compartilhar, primeiro que todos com os seus irmãos, que ele bem sabe não serem todos abertos ao divino. Por isso me encarrega do recado: «Diga aos meus irmãos que existe um filho cá longe feliz, sim sou feliz».

Afinal, eu queria que fosse ele sózinho a revelar... Mas, também eu sou muito feliz e tinha de dar graças ao Coração de Jesus, de cujo amparo eu vivo; tinha de agradecer cada vez mais toda a vossa felicidade que é também minha.

DOS RAPAZES

de Lisboa. Mais 80\$, da Beira-Africa. Hoje, está cá mais quente que aí! É suar por todos os poros! Mais 70\$00 de Manuel Martins, do Porto. Mais 20\$00 do assinante 12.269. E o mesmo de Eng.º Rosmaninho. O costume costumado da assinante 17.022 — 40\$00. Mais 20\$00 de a'guém, de algures. Mais 70\$00 do Chinde, assinante 26.424. Mais 20\$00 «pedindo orações»

e pede «licença para enviar um beijinho ao seu filhinho». Já lhe dei uma data deles. Mais 100\$00 para um chale de uma doente aqui mui falada ou para outro pobre. A doente está servida porque, na altura, caiu o carmo e a trindade. Vai ter a felicidade de cobrir as costas de uma ve'hinha. Valeu?

Júlio Mendes